# RESENHA

## *REEKS, D. , MENDONÇA, P., MEIRELLES, R.* WAAPA. *DOCUMENTÁRIO. RIO DE JANEIRO: MARIA FARINHA FILMES, 2017*

**Cristina Martins Fargetti**
**Danielle Urt Mansur Bumlai**
DOI: http://doi.org/10.30612/raido.v15i39.14933

Os personagens, o roteiro, e a fotografia, revelam quanto o Brasil é imenso e pleno de riquezas culturais. Rodado na região norte do Estado de Mato Grosso, nas águas do Alto Xingu, o curta metragem de 21 minutos de duração, do gênero documentário, apresenta personagens reais, com roteiro elaborado com a colaboração de um índio Juruna, o que torna o filme intenso e rico de detalhes, dando maior autenticidade as cenas. É uma obra que aproxima o público de todas as idades, tendo a criança como tema central, em uma relação intrínseca entre natureza, corpo e alma.

*Waapa* foi lançado no ano de 2017, em maio, no Festival Ciranda de Filmes[1], em São Paulo, com duração de 21 minutos, direção de Renata Meirelles, David Reeks, e Paula Mendonça de Menezes. Esse documentário nasceu a partir das pesquisas realizadas por Paula Mendonça de Menezes, que se relacionou por quinze anos com os yudja, no Território Indígena do Xingu, com o desejo da comunidade de se expressarem sobre a relação dos remédios da natureza, que não vem curar, mas potencializar relações positivas, e do encontro com os documentaristas do Território do Brincar[2].

Menezes (2017) discorre sobre seu trabalho de pesquisa e desse desejo vindo da comunidade de fazer um filme, partir do que ela foi em busca de apoio com os documentaristas que possuíam pontos em comum com a proposta pensada, buscando meios para realizar o documentário, com o apoio do Instituto Alana[3] e da produtora Maria Farinha Filmes. O curta foi realizado na Aldeia TubaTuba, cuja Escola Kamadu atende o ensino dos mais novos até os mais velhos, com assembleias que orientam qual o caminho a ser seguido e com a participação dos anciãos para decidir o que será ensinado.

1 A Ciranda Filmes é uma produtora audiovisual independente, que atua desde 2008 realizando filmes publicitários e corporativos, séries de TV e documentários.

2 O Programa Território do Brincar é um trabalho de pesquisa, documentação e sensibilização sobre a cultura da infância brasileira, coordenado pela educadora Renata Meirelles e pelo documentarista David Reeks e correalizado pelo Instituto Alana. Os dois viajaram pelo Brasil por dois anos e o registro dessa jornada – em filmes, fotos, textos e áudios – se transformou em publicações, documentários, exposições e diálogos sobre a infância brasileira.

3 O Instituto Alana é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que acredita em programas que buscam a garantia de condições para a vivência plena da infância. Criado em 1994, é mantido pelos rendimentos de um fundo patrimonial desde 2013. Tem como missão "honrar a criança".


CC BY NC SA

Menezes tem seu trabalho voltado a ações para a educação e a cultura de comunidades indígenas, através do Instituto Socioambiental (ISA)[4], é parceira do Programa Território do Brincar , e produtora de conteúdo no Curso de Especialização Cultura e História Indígena pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora no ensino fundamental, e consultora autônoma na formação de professores voltada à cultura da infância e à inclusão da temática indígena no currículo escolar.

Renata Meirelles, uma das diretoras do documentário, é coordenadora do Projeto Território do Brincar, e em entrevista à rádio EBC, conta que realizar esse documentário sobre as brincadeiras das crianças yudjá da aldeia Tuba Tuba, nasceu do encontro entre ela e a Paula Menezes, e o que marcou a diretora foi a relação entre o brincar, a saúde e a natureza para esse povo que possui uma ligação, um contato direto com a natureza, uma relação com o meio, uma forma de aproveitar essa relação e transformar seus elementos de dentro para fora e de fora para dentro, e como as crianças aprendem nesse processo, brincando.

A equipe de filmagem permaneceu durante um mês na Aldeia TubaTuba. Foi feita uma negociação com os yudja para que esse documentário pudesse ser realizado, como: ser um filme gratuito, ter a realização de uma oficina de áudio visual, a qual foi ofertada por David Reeks, e a partir dela foram selecionados para compor a equipe de produção dois jovens yudja.  Com relação ao roteiro, Menezes divide os créditos com Yabaiwa Juruna, e o coloca como parte da idealização do filme, como orientador das filmagens, e relata que a negociação foi com os adultos, mas a integração total com as crianças.

Menezes expõe que os yudja, no modo de se organizarem socialmente, possuem a figura de um dono, e é esse dono que comanda uma atividade, não importando o tamanho dela, mas sim a responsabilidade em si, como foi o caso de Yabaiwa que foi considerado dono das filmagens realizadas, orientando os caminhos a serem seguidos nas entrevistas e todo o processo de construção.

A produção do filme segue o padrão no seu formato de documentário, traz uma linguagem acessível, imagens confrontadas com os depoimentos em off apresentados, trilha sonora e imagens casando com o roteiro, com a argumentação apresentada.

A qualidade da imagem do documentário é excelente e possui uma fotografia belíssima, transmitindo uma sensação de liberdade por meio do contato com a natureza e suas cores que realçam mais ainda o cenário. O enquadramento da câmera produz a sensação de proximidade com a cultura do outro, o que faz com que o telespectador se reconheça em muitas das brincadeiras e se veja como um observador participante, no momento de aproximação da câmera entre as árvores, transportando-o para a realidade que está sendo apresentada.

A marcação do tempo é feita pela lua, o que traz para o público as questões de relação dos índios com o céu.

4 O Instituto Socioambiental (ISA) é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, fundada em 1994, para propor soluções de forma integrada a questões sociais e ambientais com foco central na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos.Desde 2001, o ISA é uma Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – com sede em São Paulo (SP) e subsedes em Brasília (DF), Manaus (AM), Boa Vista (RR), São Gabriel da Cachoeira (AM), Canarana (MT), Eldorado (SP) e Altamira (PA).


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 203 – 208 | set/dez 2021

O curta metragem *Waapa* apresenta para o mundo o universo do brincar das crianças yudjá que vivem na Aldeia TubaTuba, em uma relação espiritual com natureza e corpo. O documentário (re)trata elementos que compõem a natureza como a sabedoria dos bichos, das plantas, das águas do rio, em uma conexão com seres desse mundo e de outros mundos.

"Waapa" é um termo da medicina yudja que significa "remédio que cura". Por meio da relação mostrada no filme, atividades retratam o poder da natureza em relação ao corpo e à alma das crianças yudja, que se dá através de brincadeiras , pois é no brincar que se expressam, aprendem, se reconhecem, e amadurecem para enfrentar o mundo adulto, com força espiritual e física em equilíbrio. Implicitamente por meio das brincadeiras é ensinado às crianças o modo de sobrevivência na fase adulta, despertando nelas habilidades, por exemplo, para que eles tenham boa pontaria e futuramente possam ser bons caçadores e guerreiros; ou para que fiem bem e sejam boas tecelãs e boas mães.

O documentário *Waapa* teve destaque na mídia em 2017, ano de seu lançamento, em blogs, sites, rádios online. Os diretores do filme participaram de entrevistas sobre o filme e sua realização. O documentário é aberto de forma limitada ao público, e para assisti-lo é preciso acessar o site Vídeocamp, preencher uma ficha, marcar a data da exibição e assim o link do filme é enviado e o acesso liberado para sua exibição. O público agradeceria se fosse disponibilizado um link de fácil acesso, o que permitiria, assim, que o filme fosse mais visto e conhecido em vários lugares do mundo, pois é um material belíssimo, que aproxima o público de todas as idades, podendo ser apresentado pelos professores como material de apoio nas escolas, pois é resultado de uma pesquisa, organizado por todos que fizeram parte do trabalho, como principalmente os próprios índios yudja, trazendo para o público o resultado de um excelente trabalho com a participação direta da comunidade.

"Waapa" no léxico da língua juruna é o termo utilizado da medicina que significa "remédio" e possui variedades na escrita como "waha", "ali-waha" traduzido como "remédios de criança". De acordo com Menezes (2017), esses remédios, provenientes das plantas e dos animais, transmitem para as crianças o que esses elementos têm de melhor. A atividade física é um meio de esses remédios terem ação tanto no corpo quanto na alma.

No início do filme, há como um verbete de dicionário, dando o significado de seu título, com duas acepções, a primeira como "elemento da natureza que ensina", e a segunda como "remédio que cura". As duas acepções são interligadas uma à outra, o que pode ser percebido no decorrer do filme. O som dos pássaros com a imagem do amanhecer no rio, com as crianças saindo de canoa e conversando na língua juruna, e o narrador explicando o significado de "waapa", foram muito bem colocados, causando uma expectativa no telespectador sobre o que será apresentado.

"Yudja", a autodenominação, é definida como "povo do rio", e para ser um yudja tem que fazer parte de tudo, por isso a cultura é ensinada às crianças, como relata o narrador. Segundo ele, a pessoa não pode parar nunca, a não ser que esteja doente.

Na relação das mulheres com as crianças pequenas, na cozinha, preparando a comida, para que a cena ficasse completa, caberia uma legenda identificando o nome da comida que estava sendo preparada, em português e juruna, para que o público internalizasse mais o conhecimento.

O narrador conta que dentro da medicina do povo yudja são inúmeros os espíritos que cuidam dos remédios, cada um cuida do seu, assim são colocados como dono dos remédios. O curta consegue transmitir a espiritualidade vivida na aldeia Tuba Tuba.

Na brincadeira de criança, de brincar de fazer, eles estão ali fazendo um "laboratório" e, sem perceber, aprendem brincando. Tudo é direcionado, e, através da experiência, as crianças aprendem sobre os frutos, a vida e seu o ciclo, e vão percebendo mais os elementos da natureza, que a grande maioria que vive na cidade grande não pode perceber.

A brincadeira das crianças imitando a equipe de filmagem mostrou a interação entre eles, um estava segurando o microfone, o outro estava com um pedaço de pau imitando uma câmera e o outro como se fosse o produtor, realmente são três pessoas filmando, e isso foi muito lindo, pois mostrou o verdadeiro contato com eles, uma imagem eternizada dessa relação de troca entre a equipe e o povo yudja, pois foi capaz de reproduzir o que eles estavam vivendo naquele momento.

Uma anciã fala do poder da aranha, e mostra o ritual pelo qual a menina precisa passar para obter a arte de tecer como uma aranha. Daí é esperada a chegada da Lua Nova para que o ritual seja finalizado e a criança se torne uma boa tecelã.

O narrador fala da Lua, no momento da cena com uma anciã preparando barro, e faz uma comparação entre a Lua e o barro: no seu começo ela ainda é mole e assim recebe a força do remédio, e é pedido quando a Lua é nova que ensinamentos sejam transmitidos para as crianças. O ancião relata que a Lua clareia o mundo espiritual e quando está cheia, já passou o tempo dos remédios. O curta transmite espiritualidade e conexão com a natureza, principalmente porque o ancião fala na língua dele, língua juruna, o que valoriza mais a obra. E frisa que se os meninos querem se tornar bons em flechar é preciso tomar o remédio todo dia. Um professor indígena ensina os meninos a fazerem as flechas, e na atividade prática de arco e flecha o professor mostra o remédio utilizado para se tornarem ágeis e como é feito esse ritual, depois faz um pedido para a Lua para que o ritual fique completo. A questão da sobrevivência retratada no filme mostra a preparação desde cedo das crianças para estarem em constante movimento e que através de elementos da natureza possam ter a mesma habilidade das plantas, dos animais, e como fala o narrador "hoje em dia a gente treina não para guerrear, mas para estar em constante movimento". Assim, brincando vão adquirindo várias habilidades, como o remédio da saracura que faz as crianças correr, é o espírito do remédio que vai fortalecer o corpo, e por meio de brincadeiras as crianças aprendem a serem veloz, para correrem dos seus predadores, para se defenderem.

O curta consegue retratar o modo de viver dos índios yudja, revelando como o mundo espiritual ensina a lidar com o outro mundo, pois, de acordo com Yabaiwa, para aprender a lidar com seu mundo, é preciso aprender a lidar com o outro mundo. Sábias palavras!

Na narrativa final, o narrador fala do rio como um ciclo que está em constante movimento e esse ciclo vai do começo até os antepassados e volta ao começo, em um acontecimento emblemático, pois eles acreditam na espiritualidade, a questão de cultuar e permanecer com essa tradição e através da tradição passar de geração pra geração todo o conhecimento. As cenas casadas com a narrativa apresentam um ancião na canoa colocando seu cocar e tocando uma flauta, com as crianças que seguem no rio, num ar de continuidade de vida.


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 203 – 208 | set/dez 2021

*Waapa* possui um roteiro muito bem organizado e dinâmico, que vai revelando seu significado a cada passagem de cena, desvendando outro mundo, aparentemente longe do nosso, que no decorrer do filme é capaz de revelar nosso próprio mundo. É contagiante a vontade de aprender das crianças, a fé dos anciãos, e todo o ritual que envolve a natureza e todos os seres que dela fazem parte, em um processo de fortalecimento do corpo e da alma.

Sons da natureza, de flautas com gravações em campo, e arquivos gravados de flautas e de festas yudja, fazem parte da trilha sonora do curta. A trilha sonora desperta a espiritualidade no contexto dos elementos da natureza envolto nas brincadeiras das crianças. O silêncio do rio é pontuado pelo efeito sonoro dos bichos, e da flauta que mantém o telespectador "quase" dentro do filme.

Os atores mirins tiveram uma participação original e divertida, pois não são atores profissionais, mas desempenharam muito bem o papel, se permitindo filmar, colaborando, organizando, interagindo com a produção do filme, retratando a realidade da comunidade da qual fazem parte.

Na ficha técnica foram apresentados os nomes de todos que participaram do documentário, como as crianças, os adultos, os entrevistados, os dois assistentes selecionados dentro da comunidade, entre todos os outros, numa ficha técnica completa, porém na apresentação do filme sentiu-se muito a falta de legendas com o nome dos entrevistados, do narrador, do professor, das comidas, dos anciãos, da cantiga de ninar. Uma ferramenta que poderia ser acrescentada é a tradução em Libras, para que o acesso seja mais inclusivo. Outro aspecto não aprofundado na obra foi a abordagem das cantigas de ninar desse povo; gênero musical pouco estudado em nosso país, sabemos de sua importância e das suas características especificas entre os yudjá (AUTOR)

A obra é relevante e conseguiu transmitir o que se propôs, sendo adequada ao público a que foi indicada, contribuindo de maneira significante não somente para a área de conhecimento da qual a pesquisadora faz parte, que é a área de Educação com interesse na infância, mas também para outras áreas como Antropologia, Linguística e Artes.

Cada cena apresentada no documentário parece uma pintura feita à mão, com um colorido mágico, e faz com que o telespectador seja transportado para dentro da obra e o convida a viver essa experiência, como uma criança em sintonia com sua comunidade, com a natureza, curando sua alma.

# REFERÊNCIAS

ALANA Instituto. Disponível em: < https://alana.org.br/territorio-do-brincar-lanca-os--filmes-waapa-e-terreiros-do-brincar/>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

# AUTOR

FRANSIM, R. Conexão Planeta. Disponível em: < http://conexaoplaneta.com.br/blog/novas-lentes-outros-horizontes/ >. Acesso em 01 de setembro de 2018.

GABRIEL, R. Ciranda Filmes. Disponível em: < http://cirandadefilmes.com.br/br/olhar/64-Remedios-da-alma-da-infancia-Yudja>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

ISA. Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/o--isa>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

MAYA, J. Rádios EBC. Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-amazonia/2017/05/curta-metragem-mostra-o-brincar-das-criancas-yudja-no-xingu>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

MENEZES, Paula Mendonça de. **Corpo Preparado, Alma Protegida**: cuidados e aprendizados no crescimento da criança yudja. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 165f. 2017.

MENEZES, Paula Mendonça. Um Olhar sobre Uma Infância Indígena. Entrevista de Beatriz Fabiana Olarieta, Conceição Firmina Seixas Silva, Lisandra Ogg Gomes. **Revista Teias** v. 19. n. 52. Estudos da infância - diálogos contemporâneos. Jan./Mar.: 2018.

MIRANDA, F. Território do Brincar. Disponível em: < http://territoriodobrincar.com.br/nossas-reportagens/waapa-o-brincar-das-criancas-que-vivem-as-margens-do-xingu/>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

**RECEBIDO:** 05/07/2021
**ACEITO:** 16/03/2022